

Bolsas defendem uma recuperação gradual

São Paulo — “O Brasil pode começar, agora, a retomada do crescimento econômico, mas não num ritmo muito forte, pois sempre há o risco de aumento da inflação”, avaliou ontem o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Álvaro Augusto Vidigal, a respeito da perspectiva do País daqui para a frente, com a renúncia do presidente Fernando Collor e a efetivação de Itamar Franco no cargo.

Segundo Vidigal, é importante para a bolsa de valores trabalhar com um programa de Governo que permita um equilíbrio entre as necessidades sociais e o perigo constante de hiperinflação. Ele alerta que não se consegue passar de um quadro de recessão para uma situação de crescimento

“abruptamente”. O presidente da bolsa acompanhou o pregão de ontem da bolsa paulista — que registrou uma pequena queda no índice —, com a atenção voltada para um televisor, fazendo questão de acompanhar os acontecimentos de Brasília.

Juros — Para Vidigal, a economia brasileira deverá ficar “mais estável” daqui para frente, com a definição de afastamento do presidente Collor. Quanto ao mercado financeiro em particular “tudo dependerá do plano de governo Itamar Franco, e se realmente não houver uma interferência muito forte na economia. O importante é que o reinício do desenvolvimento não aconteça com uma dose muito forte”.

O presidente da bolsa prevê,

ainda, uma queda nos juros, “num patamar de 18 a 20 por cento reais ao ano”, e também uma queda na inflação, “algo em torno de 25 por cento no início de 1993 e uma boa redução até o final do próximo ano”. A estabilidade econômica do País, segundo Vidigal, poderá propiciar uma captação maior de recursos estrangeiros nas bolsas, superior inclusive aos quase dois bilhões de dólares que foram captados este ano. O capital estrangeiro, atualmente, representa em média dez por cento do movimento das bolsas.

Segundo avaliação de Vidigal, as bolsas em 1992, “depois de um período triste”, conseguiram uma rentabilidade positiva no final do ano.